

NINA LANE

Desejar

Tradução

ALEXANDRE BOIDE

**B I
B I
B I
B I**

Copyright © 2013 by Nina Lane

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Allure

CAPA Paulo Cabral

FOTO DE CAPA © Milan_Jovic/ iStock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Luciane Helena Gomide e Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lane, Nina

Desejar / Nina Lane ; tradução Alexandre Boide. — 1ª ed.
— São Paulo : Paralela, 2018.

Título original: Allure.

ISBN 978-85-8439-112-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

18-13630

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

*Ninguém nunca mediu, nem mesmo os poetas,
quanto um coração é capaz de conter.*

Zelda Fitzgerald

PARTE I

1

OLIVIA

24 DE DEZEMBRO

A gente está se beijando na chapelaria. Na *chapelaria*. Estou com as costas coladas à parede, com as mãos dele apoiadas na lateral da minha cabeça; meu rabo de cavalo está se soltando, meus dedos agarram seus ombros, e estou perdida em uma doce e dolorosa cascata de prazer.

Dean enfia as pernas no meio das minhas, puxando meu vestido para cima e baixando as mãos para agarrar a parte traseira da minha coxa. A língua dele acaricia meu lábio inferior. A excitação cresce entre nós — um alívio depois da tensão das últimas duas horas.

Toda vez que olhava para ele durante a festa de fim de ano, seus olhos estavam cravados em mim. Toda vez que nossos olhares se cruzavam, faíscas de eletricidade se espalhavam pelo ar. Toda vez que eu o via se movendo entre os convidados, meu coração acelerava.

Nós nos rondávamos como felinos espreitando a caça nos salões iluminados da Langdon House, uma mansão vitoriana clássica enfeitada com árvores de Natal coloridas, guirlandas naturais e verdejantes e ornamentos antigos.

Circulávamos por entre as aglomerações — mulheres com vestidos natalinos reluzentes; homens com ternos e gravatas caros. Entrávamos e saíamos de conversas com outros convidados, depois nos encontrávamos de novo e trocávamos olhares excitantes e promissores.

Até que ele me pegou no saguão, perto do armário em que estavam os casacos, me puxou pelo braço lá para dentro e fechou a porta. Minha pulsação disparou quando ele se aproximou de mim, me pressionando contra a parede e entre seus braços assim que sua boca encontrou a minha.

Não sei há quanto tempo estamos aqui. E nem me importo. Meu mundo inteiro está concentrado neste pequeno espaço. Tudo o que importa são o peso do seu corpo, seu peito largo, nossa respiração consoante. O aroma de pinho, canela e maçã paira no ar. Vestígios de luz surgem sob a porta. Risos e conversas atravessam as paredes.

Passo as mãos por seu tronco definido, sentindo o calor intenso da pele sob a camisa. Ele leva a boca ao meu rosto e então ao meu pescoço. Depois puxa meu vestido até a cintura.

Dean agarra minhas coxas cobertas pela meia-calça. Ele solta um grunhido de frustração ao sentir o tecido justo sobre a minha calcinha.

Então ergue a cabeça, fixando o olhar no meu antes de segurar o tecido fino de nylon pela costura e rasgar. Meu coração dispara.

“Tira isso.” Ele puxa a meia com impaciência.

“Ainda bem que não é uma meia modeladora”, comento em um sussurro, baixando o elástico da cintura até o meio das coxas.

“Que diabos é uma meia modeladora?” Ele baixa a mão para minha calcinha de algodão e solta um grunhido. “Ai, foda-se.”

Seus dedos entram fundo na minha boceta. Suspiro, me agarrando à sua camisa, com uma sensação de urgência se espalhando pelo meu corpo. Ele enfia o indicador em mim, acariciando meu clitóris ao mesmo tempo.

“Vamos lá, bela”, ele sussurra com o hálito quente no meu ouvido.

Seus lábios se colam ao meu pescoço pulsante, e um segundo dedo se junta ao indicador para me acariciar por dentro.

Arqueio o corpo em sua direção, sentindo meu sexo latejar. Um grito de prazer se armazena nos meus pulmões, e está prestes a escapar quando Dean põe a mão sobre a minha boca. Ele me puxa para a direita, para trás de uma arara com casacos pendurados perto da parede. A luz invade o guarda-volumes um instante depois de eu perceber que a porta foi aberta.

Me agarro com força à camisa de Dean. Ele tira a mão da minha boca, e por sorte o som da nossa respiração ofegante é encoberto pela conversa que vem de fora.

“Você experimentou o sushi de salmão?”, uma mulher pergunta. “É uma novidade no cardápio do bufê.”

“Ah, sim. Bem leve, uma delícia. Acho melhor contratar o mesmo serviço de bufê para o festival da primavera, não acha?”

Conheço essas mulheres. Fazem parte do conselho diretor da Sociedade Histórica. Florence e Ruth Wickham, duas senhorinhas adoráveis com colares de pérolas e terninhos em tons claros, que sem dúvida ficariam horrorizadas se me encontrassem seminua atrás dos casacos na chapelaria.

“Você lembra onde guardei meu casaco?”, Florence pergunta à irmã. “Já contei que o comprei em uma promoção naquela lojinha na Dandelion Street? É pelo de camelo legítimo.”

Está bem quente aqui atrás. A gola de pele de um dos casacos está roçando no meu pescoço, e eu a afasto com impaciência. Ainda estou latejando, frustrada por ter minha excitação interrompida.

Dean então enfia o joelho entre minhas pernas, abrindo minhas coxas. Meu olhar se volta para sua expressão cheia de desejo. Um sorriso maroto se insinua em sua boca quando ele volta a enfiar o dedo em mim.

Eu o seguro pelo pulso, ciente de que as senhoras ainda estão vasculhando o local atrás de um casaco de pele de camelo... mas ele se desvencilha do meu toque e esfrega o polegar no meu clitóris. Respiro fundo, me derretendo por dentro.

Ele cola a boca à minha outra vez, levando uma das mãos à base das minhas costas, sem deixar de trabalhar diligentemente com a outra. Abro os lábios sob os dele e sinto a avalanche de desejo me invadir outra vez. Seu toque vai se tornando mais íntimo, profundo, com movimentos circulares intensos do polegar, e...

Não consigo evitar. Nem quero. Faz tempo demais e, mesmo neste encontro furtivo e apressado no meio de uma festa, sinto como se estivesse bebendo uma limonada gelada em um dia de calor escaldante. Tento sufocar um gemido e apoio a cabeça na parede enquanto a língua dele passeia pela minha.

Com mais um movimento dos dedos, ondas de arrebatamento se espalham pelos meus nervos. Dean abafa meu grito pressionando a boca contra a minha. Eu o agarro pelos ombros, sentindo as pernas enfraquecerem com a força das vibrações que me percorrem dos pés à cabeça.

Me inclino um pouco para trás para olhá-lo, sentindo meu sangue pulsar. Ele ainda está totalmente vestido, com a ereção marcando a par-

te da frente da calça. Embora os casacos bloqueiem boa parte da luz, consigo ver que seus olhos estão ardendo de prazer. Os cabelos escuros estão desalinhados, com uma mecha grossa caída sobre a testa, e o rosto de contornos marcantes está corado. Ainda estamos ofegantes, e nenhum dos dois se move.

“Ah, aqui está! Olha, este não é o casaco da Shirley?” A voz de Florence vai se tornando mais distante à medida que se aproxima da porta. “Ela falou que era de pele de lince. Acredita? Nossa, mas como é macio! Passe a mão.”

Ruth solta um murmúrio de concordância. Enfim a luz é apagada e a porta se fecha.

“É melhor a gente ir”, sussurro.

“Eu saio primeiro.” Dean acaricia meu rosto de leve. “Depois aviso quando a barra estiver limpa.”

Esperamos mais alguns minutos, para que nós dois possamos nos recompor. Ajeitamos nossas roupas e saímos tateando atrás da minha bolsa e do paletó dele, que foram ao chão. Consigo recolocar a meia-calça, escondendo o rasgo com o vestido, e estendo a mão para afastar os cabelos de Dean da testa.

“Espera aqui.” Ele me dá um beijo na boca e sai de fininho do guarda-volumes. Um segundo depois, ouço uma rápida batida na porta.

Saio às pressas, incapaz de conter um sorriso quando nossos olhares se cruzam no saguão. Parecemos um casal de adolescentes excitados que se esconde debaixo das arquibancadas do ginásio da escola para dar uns amassos.

É uma sensação gostosa, que não experimentei muito na vida — o prazer dos encontros furtivos, das apalpadinhas indiscretas e dos beijos secretos —, e a alegria de poder fazer isso de novo com meu marido é imensa.

Atravesso o saguão para ir ao banheiro e dar um jeito no meu visual bagunçado. Penteio os cabelos e refaço o rabo de cavalo, jogo uma água no rosto para diminuir a vermelhidão da pele, retoco o batom e tento esticar o vestido meio amarrotado.

Dean não está mais no saguão quando saio, provavelmente foi dar um jeito na sua aparência também. Vou até a mesa de bebidas, localizada na sala de estar, e pego uma garrafa de água.

“Ah, aí está você, querida.”

Ergo os olhos e me vejo diante de Florence Wickham, já vestida com o casaco de pele de camelo e luvas de couro.

“Não queria ir embora sem me despedir e desejar um feliz Natal para você, Olivia”, ela diz. “Apreciamos muito seu trabalho como voluntária no Museu Histórico e nos preparativos para o festival de fim de ano.”

“Adorei fazer parte de tudo isso.”

Florence me encara. Seus olhos estão adornados com sombra clara e rímel. Espero que meu rosto não esteja muito vermelho. E que Dean não tenha deixado uma marca no meu pescoço.

“Não se esqueça de pegar um presente na árvore do terraço”, continua Florence. “Foram doações do comércio local, e há coisas excelentes.” Ela puxa um pouco o punho da luva. “Onde está aquele moço bonito com quem você veio?”

“Acho que está conversando com alguém na cozinha.”

“É seu marido?” Florence arqueia a sobancelha cuidadosamente aparada, lançando um olhar para minha mão esquerda.

“Sim.” Estendo a mão esquerda para mostrar a joia com camafeu no dedo anelar. “Este é meu anel de noivado.”

Uso o camafeu junto com a aliança de casamento apenas em ocasiões especiais, e acho que é o símbolo mais profundo de que pertenço a um só homem.

“Adoro camafeus.” Florence dá uma boa olhada na minha aliança. “Esse é lindo.”

“Obrigada.”

“Se me permite um comentário ousado, Olivia...” Ela chega mais perto e baixa o tom de voz para um sussurro conspiratório. “Seu marido é muito bonito, mas é o espírito aventureiro dele que... bom, é isso que o torna irresistível.”

“Como... Como assim?”

“Minha querida, tenho setenta e três anos de idade”, responde Florence. “E, depois de cinquenta e dois anos de casada, bem que gostaria que meu marido tivesse me surpreendido *uma vez que fosse* em uma chapelaria.”

Ela dá uma piscadinha para mim antes de se virar e sair andando. Apesar de ruborizada de vergonha, não consigo deixar de sorrir.

Eu me imagino aos setenta e três anos, relembando as loucuras que eu e Dean fizemos ao longo da vida.

Lembra aquela vez na chapelaria, naquela festa de fim de ano...?

Bem, talvez a gente até continue fazendo isso, eu acho. Com certeza temos muito tempo pela frente... Estou perto dos trinta, e ele tem trinta e oito... isso ainda nos dá bons anos de curtição.

Desde que seja possível consertar aquilo que se quebrou nos últimos quatro meses.

Uma tensão me domina. Levo uma das mãos à barriga.

“Vamos para casa.” A voz grave de Dean reverbera dentro de mim. *Casa*. O nosso lar.

Eu me viro para meu marido. Apesar do paletó amarrotado, a aparência dele é impecável, com os cabelos brilhando sob as luzes fortes, as sobrancelhas pretas e os cílios grossos emoldurando os olhos e reforçando os ângulos retos do seu maxilar. Dean assume outra vez o ar habitual de autocontrole — que parece feito sob medida para ele, assim como seus ternos. Quando seu olhar encontra o meu, vejo que sua expressão é calorosa.

Conheço bem esse olhar. Um novo arrepio de prazer me percorre até os pés quando voltamos à chapelaria — dessa vez para pegar nossos casacos. Apanho um presente embrulhado sob a árvore de Natal. Nós nos despedimos de alguns membros da Sociedade Histórica antes de sairmos para a neblina do fim da tarde.

A cidade de Mirror Lake está encoberta por uma camada de neve fresca. Papais Noéis alegres e gorduchos e renas felizes enfeitam as vitrines das lojas do centro. Luzes coloridas piscam nos postes, nos parapeitos das janelas e nos beirais dos telhados. Rajadas de vento sopram da superfície do lago congelado, que lembra um enorme prato de porcelana ao pé das montanhas nevadas.

Caminhamos até onde o carro de Dean está estacionado, e ele abre a porta do passageiro para mim. Voltamos ao nosso apartamento de dois quartos numa sobreloja da Avalon Street. Passamos por algumas pessoas fazendo compras natalinas de última hora, crianças empolgadas e diversos ambulantes que vendem pipoca e castanhas.

Subo as escadas à frente de Dean, e ele estende a mão para apertar minha bunda. Dou uma olhadinha por cima do ombro.

“Deixei você na mão, né?”, pergunto, destrancando a porta.

“Deixou mesmo. Não que eu esteja reclamando.”

Assim que ele fecha a porta atrás de nós, eu me viro para receber seu beijo iminente. Agora não há necessidade de termos pressa nem de sermos furtivos. Tiramos nossos casacos devagar, com as bocas ainda coladas, e ele me conduz na direção do quarto.

Fazia mais de três semanas dolorosíssimas que não nos beijávamos. Depois que nossos problemas conjugais dos últimos meses culminaram em uma briga feia, saí de casa e fui ficar com nossa amiga Kelsey March. Só ontem Dean e eu nos reconciliamos.

Eu estava morrendo de saudade. Tudo nele — a carícia do seu hálito, o som da sua voz, a força do seu corpo musculoso — me lembra de que as coisas podem ser boas entre nós e do quanto ainda o amo.

Ele me pega pela nuca, inclinando minha cabeça para intensificar a pressão do beijo. Meu corpo amolece todo quando o desejo se espalha do meu ventre para as minhas veias. Envolvero seus braços com as mãos, desfrutando da beleza desse momento de intimidade.

“Tira a roupa”, murmura Dean.

Ele ergue a cabeça, passando a mão no meu rosto e dando um passo para trás. O tesão ferve em seus olhos enquanto ele me vê segurar o vestido e tirar a peça por cima da cabeça. Arranco a meia-calça rasgada, sentindo o olhar de Dean no meu decote. Uma pontada de nervosismo me atinge. Parece que faz uma eternidade que não fico nua na frente do meu marido.

Ele aponta com o queixo para o sutiã. “Me deixa ver.”

Meu coração dispara. Abro o fecho frontal do sutiã e o retiro pelos ombros. O ar frio atinge minha pele. Dean solta o ar com força, e seu olhar acaricia meus seios grandes e meus mamilos enrijecidos. Ele faz um sinal para que eu me aproxime. Dou alguns passos em sua direção, me arrepiando inteira quando ele agarra meus seios com suas mãos grandes e quentes.

Eu adoro isso. Adoro o jeito como ele me toca, deslizando as mãos para baixo e subindo de novo para beliscar os mamilos de leve. A excitação me domina, se concentrando da minha cintura para baixo.

“Você pensou na gente?”, pergunto enquanto ele passa a mão pela minha barriga e a enfia sob a minha calcinha para me acariciar.

“Todas as noites.” Ele desliza o indicador para dentro do meu sexo. “Estava morrendo de saudade. Pensava em você cavalgando em mim, me chupando, em você de quatro...”

Um tremor percorre o meu corpo quando ele esfrega meu clitóris. “Eu... Eu também pensei nisso.”

Imagens das fantasias que tive durante as longas semanas de separação surgem na minha mente. Ainda mais apimentadas do que aquelas que eu tinha quando nos conhecemos. Pego seu pau duro e chego mais perto para esfregar meus seios nele.

Dean baixa a cabeça, passeia as mãos pelas minhas costas e então pega na minha bunda e me traz para junto de si. Nossos corpos se comprimem, e o toque do algodão de sua camisa deixa meus mamilos ainda mais sensíveis.

Depois de mais um beijo demorado e profundo, eu me afasto um pouco para tirar a calcinha. Meu corpo está louco para se aliviar outra vez. Dean encara meu corpo nu, e o calor do seu olhar faz minha pele se arrepiar com um desejo urgente. Eu me ajoelho na cama e faço um sinal para que se deite ao meu lado. É o que ele faz, ainda vestido.

Monto em seu colo e passo as mãos pela parte da frente da sua camisa, sentindo o calor do seu corpo através do tecido e a batida forte do seu coração. Desabotoo a peça, acariciando seu peito musculoso e seu abdome até encontrar o cós da sua calça.

Abro o fecho do cinto e puxo a tira de couro com força. A fivela de metal cai ruidosamente no chão. A ereção levanta a parte frontal da calça, e sem demora abro o zíper.

Minha respiração acelera. Me movo para o lado para poder tirar a calça e a cueca e jogar no chão. Ele está me observando, com o peito arfando e a respiração acelerada.

Seguro a base do seu pau e abaixo a cabeça para colocá-lo na boca. Ele enrosca os dedos nos meus cabelos. Seu gosto me invade. Fecho os olhos e respiro fundo, apertando-o com os dedos. Ele eleva os quadris. Ponho a mão sobre sua cintura para mantê-lo onde quero.

Posso sentir sua tensão, sua vontade de se mexer. Ele quer meter com força na minha boca, mas não vai fazer isso. Ainda não. Depois de alguns ajustes, encaixo minha boca nele, acariciando com a língua a veia

na parte inferior. Minha pulsação ressoa nos ouvidos, e uma excitação renovada me domina.

Pego seu pau e começo a masturbá-lo, mantendo os lábios fechados sobre a cabeça. Dean agarra meus cabelos com força. Um grunhido reverbera em seu peito. Seus músculos se enrijecem. Volto a abocanhá-lo por inteiro, com os cabelos caindo sobre suas coxas e sua barriga.

Sinto instintivamente que ele está prestes a perder o controle. Eu me afasto, e nossos olhares se cruzam e chegamos a um entendimento cheio de excitação. Ele me segura pela cintura e me deita de barriga para cima, afastando as minhas pernas com os joelhos.

Em um único movimento, ele se enterra dentro de mim, e o preenchimento súbito provocado por aquele pau arranca um grito da minha garganta. “Dean!”

“Ah, caralho, Liv...” Ele começa a se mexer, soltando mais um palavrão para tentar se controlar. Ele posiciona as mãos embaixo das minhas coxas. “Que delícia.”

Eu me contorço toda sob ele, sentindo o ar incendiar meus pulmões. O impacto das estocadas sacode meu corpo inteiro, e os botões de sua camisa aberta provocam uma sensação gostosa ao escorrer pela minha pele suada. Eu o agarro pelos ombros, tentando baixar sua boca até a minha, envolvendo seus quadris com as pernas para juntar nossos corpos.

Passei as últimas semanas desejando intensamente isso — a pressão do corpo forte do meu marido sobre o meu, todo o seu peso em cima de mim. Queria que ele me tomasse, me possuísse e me promettesse que sempre ia me querer. Estava desesperada para me entregar a ele de novo.

Dean tira e põe, tira e põe, sem parar, até começarmos a nos sacudir e nos contorcer em um ritmo acelerado que é ao mesmo tempo familiar e incrivelmente novo. Me contraio para apertar seu pau, e o atrito entre nós faz a excitação se espalhar pelos meus nervos.

Não preciso de mais nenhum estímulo além do homem que está em cima de mim, me acariciando por dentro. O êxtase explode no exato momento em que Dean me penetra tão fundo a ponto de me fazer senti-lo nos meus ossos. Seu grunhido faz minha pele vibrar enquanto ele goza, agarrando minhas coxas.

“Nossa!” Ele sai de cima de mim e ficamos deitados na cama, recuperando o fôlego.

Eu me apoio no cotovelo e me viro para ele. Dean está lindo desse jeito, saciado, com a camisa aberta e amarrotada e a pele molhada de suor. Ele tira a roupa e joga no chão.

“Vem cá”, diz.

Aninho meu corpo no dele, acariciando seu abdome.

Isso é fácil. Se pudéssemos consertar tudo entre nós dando prazer um ao outro, já estaríamos de volta a um ponto no qual não haveria mais lugar para dúvida e desconfiança em nosso relacionamento. Nem medo. Mas, por melhor que o sexo sempre tenha sido, ambos sabemos que isso não basta. E não sei o que pode bastar.

“Dean...”

“A gente conversa amanhã, Liv.” Ele me abraça e beija minha testa. “Agora só quero sentir você sem roupa perto de mim. Quero acordar com frio porque você puxou as cobertas. Quero sentir suas pernas entre as minhas, seu cabelo no meu rosto, seu braço apoiado no meu peito. Quero acordar no canto da cama de manhã porque você se esparramou e ocupou todo o espaço. Quero dormir com você.”

Eu me aproximo um pouco mais e apoio a cabeça em seu ombro, bem rente ao pescoço. Inalo o cheiro de sua pele. Sinto seu coração batendo contra a palma da minha mão. Enfim estamos no lugar certo.

É manhã de Natal. As cobertas são um casulo de maciez, e o calor vem do corpo do meu marido ao meu lado. Viro para o relógio. Quatro da manhã.

Raramente acordo cedo no Natal. Quando criança, não tive muita chance de acreditar em Papai Noel. Tenho uma vaga lembrança da última vez que dormi empolgada na véspera de Natal, com a expectativa de encontrar presentes embaixo da árvore na manhã seguinte. Eu devia ter cinco anos — meu pai ainda estava vivo e casado com minha mãe.

Agora estou totalmente desperta. Levo a mão à barriga. Escuto o som ritmado da respiração de Dean. Penso na minha mãe e me pergunto onde ela está.

Chego mais perto de Dean e acaricio seu peito e seu abdome. Olho para seu rosto másculo, com ângulos retos emoldurados pelas sobrancelhas escuras. Roço os dedos nas costeletas espessas que cobrem o contorno da sua mandíbula. Ele se mexe e abre os lindos olhos cor de chocolate com toques de dourado, como se fossem um tesouro escondido.

“Feliz Natal”, murmuro. Meu corpo inteiro se acalma com a sensação de tê-lo ao meu lado outra vez. Me convenço de uma vez por todas de que a nossa separação foi um erro.

“Que bom acordar e encontrar você aqui”, ele diz.

“Que bom acordar e estar aqui.” Estendo a mão esquerda. “Lembra?”
“Lembro.”

Ele põe a palma da mão esquerda na minha. Nossas alianças fazem um leve clique quando se tocam, e eu posiciono minha mão para que as duas fiquem alinhadas. Nós entrelaçamos os dedos. Dean se deita de barriga para cima e me puxa para ele, e nossas mãos unidas repousam sobre seu peito.

“Fez algum plano para o recesso de fim de ano?”, pergunto. “Você tinha falado que queria viajar. Para algum lugar quente, talvez.”

“Eu não faria plano nenhum sem você. Mas ainda dá tempo, se quiser. O próximo semestre só começa em fevereiro.”

“Não.” Esfrego o queixo no ombro dele. “Só quero ficar aqui com você.”

Ele beija minha testa. “Ei, ainda não tive a chance de contar as novidades.”

“Então conta.”

“Sabe aquela vaga no Instituto de Pesquisa Histórica? Por causa do sucesso do programa de estudos medievais na King’s, o comitê me recomendou para o conselho diretor. Fiquei sabendo na semana passada que eles me concederam uma bolsa de cinco anos.”

Levanto a cabeça para encará-lo. Os bolsistas do IPH são os mais respeitados e renomados em seus respectivos campos de estudos, além de serem premiados pelos avanços que proporcionaram à pesquisa na área. Todo acadêmico deseja ter uma bolsa do IPH, mas poucos são os escolhidos.

“Ah, Dean.” Minha voz fica embargada. “Que incrível.”

Ele parece ao mesmo tempo contente e um pouco sem jeito. “Pois é, isso não é pouca coisa.”

“E ninguém merece mais do que você.” Dou um abraço apertado nele. “Estou tão orgulhosa.”

“A grana é muito boa, o que sempre vem a calhar.”

“Com mais essa distinção no currículo, a King’s vai ser obrigada a oferecer para você a cadeira de titular em breve.”

Isso significaria estabilidade de emprego para ele na Universidade King’s, o que tornaria Mirror Lake meu lar definitivo.

Não sei como me sentir a respeito disso. Passei boa parte da infância e da vida antes de conhecer Dean me sentindo deslocada e sem raízes. Nunca pensei que encontraria um lugar onde me sentisse em casa. Mesmo hoje a ideia de viver na mesma cidade por muito tempo, de ver Mirror Lake como meu lar, me parece estranha.

“Alguns professores conseguem uma cadeira de titular em alguns anos, mas eu estou na King’s há pouquíssimo tempo.” Dean encolhe os ombros. “Mesmo assim, essa bolsa vai ser ótima para a minha carreira e para o departamento.”

“E para nós.”

“Ainda mais para nós.”

Abro um sorriso, feliz, mas nada surpresa com a capacidade de realização aparentemente infinita do meu marido. Me afasto dele e jogo a coberta de lado. “Só por causa disso, hoje o café da manhã é meu.”

Sinto seu olhar sobre mim quando levanto da cama. Essa percepção me domina, e é muito bem-vinda depois do que aconteceu nas últimas semanas.

Vejo a camisa amarrotada de Dean caída no chão e decido vesti-la. O cheiro familiar de creme de barbear e do próprio Dean ainda está no tecido. Abotoo a camisa e dobro as mangas, apreciando o toque do algodão, como se meu marido estivesse me abraçando.

Vou pegar uma calcinha na cômoda.

“Não”, ordena Dean, observando meus seios marcados sob a camisa.

O brilho em seu olhar faz meus mamilos enrijecerem. As cobertas estão enroscadas nas pernas dele, expondo o peito musculoso e a tentadora linha de pelos que desaparece sob o lençol. Mais do que nunca, ele é capaz de me deixar sem fôlego.

Eu me arrepio toda, já me sentindo molhada e com a pulsação acelerada. Ainda consigo senti-lo entre minhas pernas, um leve latejar que me faz lembrar de como ele entrou fundo em mim.

“Quer que eu fique sem?”, questiono.

“Quero.”

Os olhos dele baixam para as minhas pernas descobertas. O desejo começa a arder dentro de mim outra vez.

Deixo a calcinha na gaveta e vou pentear os cabelos e escovar os dentes. Me olho no espelho e fico contente ao ver que minha aparência condiz com a maneira como estou me sentindo — uma mulher desalinhada e satisfeita, em cujos olhos é possível ver a expectativa de ainda mais alegrias conjugais.

Depois de jogar água no rosto, vou para a sala de estar, acendo as luzes da árvore de Natal e começo a fazer o café.

É uma manhã gelada. Aumento a temperatura no termostato e vou olhar pela janela. As luzes dos postes iluminam a Avalon Street. Não nevou nas últimas horas, mas, a julgar pela aparência do céu, vem mais neve por aí.

“Você viu se tinha algum presente embaixo da árvore?” Dean está parado na porta do quarto, com o peito nu e uma calça de pijama com a cintura bem baixa.

“Sim, mas você não estava lá.”

Ele sorri. É um velho sorriso malicioso que não vejo há muito tempo, que termina de derreter as últimas barreiras do meu coração. Vou olhar embaixo da árvore. Tem uma caixa embrulhada em papel azul escondida atrás dos galhos, com uma menorzinha em cima.

“Dean, o que...”

“Não tenta pegar, porque elas são pesadas.”

Ele aponta com o queixo para o sofá, pega as caixas e coloca na mesinha de centro, à minha frente. Os laços de fita vermelha são perfeitos.

“Quando foi que você comprou isso?”, pergunto.

“Na semana passada. Pode abrir.”

Desfaço o laço e removo a fita adesiva da caixa maior. Sem pressa, tiro o papel e fico olhando para o presente. É um conjunto de painéis de inox de primeiríssima qualidade — três frigideiras de diâmetros e alturas diferentes, duas caçarolas e uma espagueteira.

“Isso... deve ter custado uma fortuna.”

“Se você quer cozinhar direito, precisa de um bom equipamento.”

Meus olhos se enchem de lágrimas quando abro a caixa menor e vejo um jogo incrível de facas Shun, com onze peças.

Panelas e facas profissionais. Pode não parecer muito romântico, mas nenhum outro presente que meu marido pudesse me dar seria tão significativo. E ele comprou na semana passada, antes da nossa ainda tênue reconciliação.

“Obrigada.” Olho bem para ele. “Muito obrigada.”

Ele estende a mão e prende uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. “Bom, se você cozinhar, quem vai comer sou eu. Assim todo mundo se dá bem.”

“Eu não tenho nenhum presente para dar.”

“Claro que tem.” Ele se inclina para a frente e me beija na testa.

Ah, esse carinho. Eu o envolvo pela cintura e encosto a boca em seu corpo rígido e firme. Ele enfia os dedos entre os meus cabelos e dá risada.

“Cuidado aí.”

“Te amo.” Dou um apertão na bunda gostosa dele e me afasto para recolher o papel de presente rasgado. “Obrigada.”

“Agora você vai ter que fazer ovos com bacon no café da manhã.”

Abro a caixa do jogo de panelas e pego uma frigideira reluzente. “Sim, senhor.”

“‘Senhor’, é?” Ele me dá uma piscadinha. “Agora sim estamos falando a mesma língua.”

Levo uma hora para preparar o café da manhã, porque preciso ler as instruções detalhadas sobre como lavar e conservar as panelas e as facas. Sinto dó de usar um equipamento tão caro para uma refeição banal como ovos mexidos, então estendo uma toalha de linho florida sobre a mesa e a arrumo com pratos de porcelana e guardanapos de pano.

Em seguida frito o bacon e faço os ovos mexidos com parmesão e manjericão. Não esperava que me sentiria tão sexy preparando o café da manhã para o meu marido vestindo uma camisa dele sem nada por baixo.

Encho a caneca de Dean com café, pego um post-it e faço um desenho bem tosco de uma caneca falante. Em seguida, escrevo: “Você me deixa bem quente, gato”.

Colo o bilhete na caneca e Dean aparece na cozinha, farejando o ar.

“Uau”, ele comenta. “Que cheiro bom.”

“Você acertou em cheio.” Entrego a caneca para ele. “Nunca mais vou querer sair da cozinha.”

“Eu também nunca vou querer que você saia do quarto, mas estou aberto a negociação.” Ele lê o bilhete e sorri, chegando mais perto de mim para me dar um beijo. “Belo desenho.”

Acaricio seu rosto, depois sirvo os ovos e ele se senta. Quando volto com o prato de torradas, vejo um papel com um desenho estranho ao lado do meu garfo: “Você sempre me adoça, docinho”.

Eu dou risada. “A mensagem é uma gracinha, mas por que você desenhou uma bunda sorrindo?”

“O quê?”

“Uma bunda sorrindo.” Estendo o bilhete para ele.

“É um grão de café.”

“Ah.” Estreito os olhos para examinar melhor o desenho. “Bom, acho que finalmente descobri alguma coisa que você não sabe fazer direito.”

Ele franze a testa. “Pois fique sabendo que eu desenhava quadrinhos sofisticadíssimos quando era criança.”

“Ah, é.” Ponho o bilhete na mesa e me sento. “Super-heróis que eram cavaleiros medievais, certo?”

“*Capitão Lancelot vs. Dr. Mordred* foi a minha obra-prima.”

Abro um sorriso. Meu gentil cavaleiro. Meu coração fica amolecido quando olho para Dean, todo lindo com a barba por fazer e os cabelos caindo por cima das orelhas. Ele devolve o olhar, com o afeto estampado no rosto.

Pego minha caneca e tomo um gole. Dean estende o braço e tira o café da minha mão.

“O que...”

“Vamos ter que comprar café descafeinado”, ele diz. “Por causa da gravidez.”

Droga. Esqueci. Deve ter um monte de coisas que eu não vou poder fazer agora.

Olho para Dean com cautela. Por mais angustiante que seja admitir, sei que nenhum de nós dois está pronto para ter um bebê.

Comecei a pensar em engravidar alguns meses atrás, mas então meu relacionamento com Dean virou um inferno. Descobri que ele escondia de mim que já tinha passado por três gestações perdidas e um processo amargo de divórcio.

Então, no meio de um turbilhão de confusão e mágoa, cometi o erro de beijar o professor do meu curso de culinária. Dean e eu ainda não conseguimos superar nem isso, então claramente não estamos em condições de decidir sobre filhos.

Mas agora é tarde demais.

Não pudemos conversar direito sobre a gravidez, porque só descobri ontem. Ainda nem me acostumei com a ideia, e talvez Dean também não. Principalmente porque o assunto causou tanto conflito entre nós e porque em nenhum momento concordamos em tentar...

Meu estômago se revira de apreensão e culpa. Esfrego a cicatriz na minha mão esquerda, a evidência física de como as coisas ficaram feias entre mim e meu marido. Dean observa o movimento. Ele cerra os dentes.

“Hã, então, quem diria?” Seguro meu garfo. “Estou grávida.”

“Como está se sentindo?”

“Muito bem, na verdade. Só fiz o teste porque minha menstruação atrasou. Preciso marcar uma consulta com a dra. Nolan. Eu sei que ela faz pré-natal e parto, além de ser especializada em medicina de família.” É impossível ler a expressão de Dean. E não consigo entender a confusão de sentimentos que se instala no meu peito. “Você quer ir comigo à consulta?”

“Claro que quero.” Uma ruga aparece entre as sobrancelhas dele. “Achou que eu não fosse querer?”

“Eu não sabia o que pensar.” Remexo meus ovos com o garfo. “Vou ligar para a dra. Nolan amanhã, se o consultório estiver aberto.”

Sinto seu olhar sobre mim e levanto a cabeça. Ele leva a mão ao meu braço.

“Vou cuidar de você, Liv”, diz. “A gente não estava planejando ter um bebê agora, é verdade. E, sim, a gente ainda está voltando a se acertar. Mas vou fazer de tudo para tornar essa experiência mais tranquila para você. O que for preciso, e quando for preciso, eu faço. A gente vai ficar bem.”

A voz dele transmite carinho e uma confiança profunda. Eu me sinto grata por essa tentativa de me reconfortar, apesar de não expressar isso. Ainda.

“Vamos falar com a médica e depois vemos o que fazer”, continua Dean. “Certo?”

“Certo.”

Dou um apertão na mão dele e terminamos o café da manhã. Passamos um dia tranquilo juntos — arrumamos a cozinha, jogamos palavras cruzadas, fazemos amor de novo, vemos um filme. Dean trabalha um pouco no escritório e eu lavo e organizo meus novos utensílios de cozinha. Aproveito também para abrir o presente que peguei na festa de fim de ano, um vale-presente de um dos meus lugares favoritos em Mirror Lake: uma tradicional casa de chá chamada Matilda’s Teapot.

“Quer ir buscar o resto das suas coisas lá na Kelsey?” Dean aparece na cozinha todo informal e delicioso, com uma calça jeans rasgada e uma camiseta desbotada.

Fecho o armário e me viro para ele. Não quero fazer essa pergunta, mas sou obrigada. “Você não acha que... talvez seja cedo demais?”

“Não, não acho que seja cedo demais.” Ele franze a testa. “Você acha?”

“Não sei”, confesso. “Por mais que eu tenha ficado com saudade, agora com a gravidez e... bom, e todo o resto...”

“Quero que você volte pra casa, Liv.”

“Eu sei. E eu quero voltar.” Mas também estou com medo. Medo do que vai vir pela frente, medo de nos magoarmos de novo, medo de que as coisas não voltem ao normal.

Dean chega mais perto e me puxa para os seus braços. Meu corpo inteiro estremece quando apoio a cabeça em seu peito e sinto seu cheiro familiar. Ele toca a minha nuca e massageia meus músculos tensos.

“Você precisa voltar pra casa”, ele murmura com a boca colada aos meus cabelos.

“Está com medo?”

“Não do nosso futuro.” Dean se inclina para trás para segurar meu rosto entre as mãos. “Lembra do nosso primeiro recesso de fim de ano juntos?”

O desejo me consome quando olho em seus olhos. Ele está marcado nos meus ossos, na minha alma. Dean me marcou de formas mais permanentes que o próprio tempo.

“Lembro”, sussurro. Duas semanas que me mudaram para sempre.

“Vamos repetir aquilo.” Dean passa o polegar pela minha boca. “Eu e você. Ninguém mais.”

Queremos demais isso. Consigo sentir essa vontade pairando no ar, como na época da nossa atração inicial, tangível e intensa. Queremos que nosso casamento volte a ser um porto seguro de afeto e prazer. Queremos nosso tesão de volta, sem medo ou desconfiança. Queremos as infindáveis espirais de desejo que só conseguimos criar quando estamos um com o outro. Queremos nos isolar do mundo e nos fechar em nós mesmos. Queremos estar unidos pela gravidez e pelo bebê que vem por aí.

E, como se soubesse o que estou pensando, Dean passa a mão na minha barriga. Eu ponho a minha mão sobre a dele.

“Vamos ter que ler um montão de livros”, comento.

“Tudo o que eu faço na vida envolve ler um monte de livros.”

“Provavelmente vamos precisar fazer algumas aulas.”

“Eu me sinto mais à vontade numa sala de aula do que em qualquer outro lugar.”

“E vamos precisar comprar milhares de coisas.”

“Podemos comprar o que for preciso.”

Olho bem para seus olhos cor de chocolate.

“Eu só queria saber por onde começar”, murmuro.

“Pode começar por aqui mesmo, bela.” Ele cola os lábios nos meus.

2

DEAN

8 DE JANEIRO

Sou homem. Quando vi Liv pela primeira vez, cinco anos atrás, não pensei: *Gostaria muito de entender essa mulher.*

Pensei: *Nossa, ela é linda.*

Pensei: *Que vontade de dar um beijo nela.*

Pensei: *Como será que ela fica sem roupa?*

E teria continuado nisso se Liv não virasse aqueles olhos castanhos para mim, me fazendo perceber que estava quase às lágrimas. Então meu instinto protetor entrou em ação, e pensei: *Preciso ajudá-la.*

Acabei não fazendo porra nenhuma por Liv, que estava tendo dificuldade na transferência dos créditos da graduação anterior, mas mesmo assim ela veio me agradecer depois. Eu sabia que precisava vê-la de novo, mas não porque era um cavalheiro sensível.

Queria vê-la de novo porque, quando ficamos frente a frente na calçada, algumas mechas de cabelo caíram sobre seu rosto. Porque percebi que ela tinha uma fenda no lábio superior. Porque meu olhar foi atraído por seus seios se movendo com a respiração sob o moletom cinza, e meu sangue ferveu. Seus quadris eram generosos. As pernas estavam escondidas em uma calça jeans desbotada com um rasgo que revelava um pedaço de pele clara.

Ela era cheia de curvas. Sexy. Vibrante.

Eu sentia um calor no peito quando a olhava. Fazia muito tempo que não experimentava aquela sensação. E queria que acontecesse de novo.

Aquilo não tinha acontecido com a executiva com quem eu tinha saído algumas vezes naquelas férias de verão. Rebecca, uma morena bonita com cabelos curtos e um rosto sério, tinha minha idade e era capaz de